

Ao mesmo tempo, a constância e a pontualidade são desejáveis. Um motivo central para isso é que a luz astral ou akasha - que sustenta invisivelmente o mundo externo - não é um “espelho” sutil imóvel ou sempre igual a si mesmo. O Akasha é um “espelho” dinâmico e vivo. Ele é sustentado por ritmos vibratórios reais, e portanto mutáveis. Assim, a construção de bons ritmos e hábitos eficazes - com a necessária moderação para que sejam duráveis - é um fator decisivo. A moderação taoísta e budista, combinada à firmeza, torna as coisas mais duráveis.

3) O trabalho teosófico ocorre levando em conta escalas de tempo imensas.

Nosso esforço - regulado pela lei do Carma - é de longo prazo, porque aponta, no mínimo, para o ano de 2075. Isto é, ele vai além dos limites da nossa vida física atual. E essa é só a ponta do iceberg da concepção teosófica do tempo. O movimento esotérico moderno foi criado levando em conta a perspectiva dos próximos 25.000 anos. Outros ciclos muito maiores entram na equação cronológica do movimento.

Deste modo, assim como colhemos hoje os bons frutos do trabalho de gerações anteriores de teosofistas que para nós são anônimos e desconhecidos, também devemos plantar agora, anonimamente, para que as gerações futuras possam fazer corretamente as suas próprias colheitas e os seus próprios plantios. E elas não saberão que nossas individualidades externas algum dia existiram.

Há, na verdade, uma “Agricultura do espírito” [1] e somos plantadores dela. Somos operários e pedreiros-livres, também, na lenta obra comum da construção da humanidade do futuro. Nesta obra permanente, devemos renascer uma e outra vez, enquanto o renascimento for útil e necessário para o nosso aprendizado, ou para o aprendizado de outros.

NOTA:

[1] Veja-se, por exemplo, o antiqüíssimo “**Book of the Nabathean Agriculture**”, bastante citado por HPB e pelos Raja-Iogues dos Himalaias. Esta obra misteriosa é tema de um livro de Ernest Renan hoje disponível online: “**Essay On the Age and Antiquity of the Book of NABATHEAN AGRICULTURE**”.

A Vida de William Q. Judge

Um Co-Fundador do Movimento Teosófico

Ao lado de Helena Blavatsky e Henry Olcott, William Quan Judge foi um dos três principais fundadores do movimento teosófico moderno.

Judge nasceu em Dublin, na Irlanda, a 13 de abril de 1851. Quando tinha 13 anos de idade, a sua família emigrou para os Estados Unidos. Ele se naturalizou norte-americano aos 21 anos e graduou-se como bacharel em direito, especializando-se, como advogado, em direito comercial.

Em sete de setembro de 1875, Judge tinha pouco mais de 20 anos de idade quando ajudou a fundar o movimento teosófico em Nova Iorque. No dia seguinte, oito de setembro, ele redigiu a

ata da segunda reunião do movimento, formalizando a decisão de criar uma Sociedade voltada para o estudo de ocultismo, da cabala e das tradições esotéricas.

Poucos anos mais tarde, H.P. Blavatsky e Henry Olcott foram para a Índia, e o movimento nos Estados Unidos teve durante algum tempo uma escassa atividade. Mas Judge não desistiu. A partir de 1886, ele reuniu condições de liderança e o movimento norte-americano passou a ganhar grande força.

Judge foi um dos colaboradores mais próximos de Helena Blavatsky. Ele fundou e dirigiu a revista "Path", escrevendo grande quantidade de artigos teosóficos que permanecem atuais no século 21. Entre suas obras está "Aforismos de Ioga de Patañjali", uma versão dos Ioga Sutras para o público ocidental. Escreveu o hoje clássico livro "O Oceano da Teosofia", e produziu uma versão do clássico indiano "Bhagavad Gita". Judge mantinha contato por carta com inúmeros estudantes. Uma coleção de suas Cartas, girando em torno do tema do discipulado, foi publicada sob o título "Letters That Have Helped Me" ("Cartas Que Têm Me Ajudado").

Quando H.P. Blavatsky morreu, em 1891, William Judge era o vice-presidente mundial da Sociedade Teosófica. Dois ou três anos depois, Annie Besant e Henry Olcott deram os primeiros passos ostensivos no sentido de fazer com que o movimento abandonasse o rumo original traçado pelos Mahatmas. Coube a Judge defender a principal fundadora do movimento teosófico e a teosofia autêntica.

Em 1894, Annie Besant acusou-o de forjar cartas dos Mestres de Sabedoria. As acusações provocaram a primeira divisão formal do movimento, em 1895. Tudo indica que o objetivo da perseguição contra Judge era obter o poder político na Sociedade Teosófica.

Ocorrida a separação, a maior parte da seção norte-americana apoiou William Judge, mas a situação do movimento iria piorar mais. Devido a uma doença crônica e a outros fatores, Judge morreu pouco depois da divisão do movimento. Sua morte, a 21 de março de 1896, fortaleceu ainda mais a estratégia política de Annie Besant. Além disso, após a morte de Judge, seguiram-se conflitos e disputas de poder entre os seus seguidores.

O bom senso e a sensatez começaram a ser resgatados em 18 de fevereiro de 1909, quando um pequeno número de estudantes fundou em Los Angeles a Loja Unida de Teosofistas, LUT. O seu principal fundador era Robert Crosbie, um dos colaboradores mais próximos de Judge. A LUT surgia tendo como prioridade a preservação do bom senso. As metas eram o estudo e a vivência dos ensinamentos de H.P. Blavatsky e William Judge.

A obra de W. Q. Judge também é considerada importante por várias agrupações de teosofistas. Uma delas é a Sociedade Teosófica de Pasadena, que, embora menor que a Loja Unida de Teosofistas, está presente hoje em cerca de dez países. Também percebem a importância de Judge as Sociedades Teosóficas ligadas à tradição de Point Loma, presentes em pelo menos três países - além de grande número de agrupações menores e de estudantes independentes ao redor do mundo.

É possível conhecer alguns dos principais textos e livros de Judge visitando a seção “William Judge” do website www.filosofiaesoterica.com, ou buscando pelo seu nome na Lista de Textos por Autor.

0000000000000000

Quem Foi Robert Crosbie

Notas Sobre o Fundador da Loja Unida, LUT

Ao liderar a fundação da Loja Unida de Teosofistas, em 1909, Robert Crosbie tomou uma iniciativa histórica que não só possibilitaria a valorização da literatura teosófica original, mas garantiu a preservação do ponto de vista, da metodologia e do clima de trabalho dos primeiros anos do movimento esotérico moderno.

O pai e a mãe de Crosbie eram escoceses. Eles se conheceram no Canadá. Robert Crosbie nasceu a 10 de janeiro de 1849 em Montreal, e foi criado como presbiteriano.

Aos 16 anos, foi convidado a abraçar a fé. Ele considerou a experiência “inadequada” e desde então adotou uma atitude de constante questionamento diante dos objetivos da vida, do sofrimento, da doença, da morte, da compaixão, da justiça e do destino. Robert percebeu que as religiões ao seu redor não davam respostas satisfatórias a estas questões. Estava decidido a encontrar “a Verdade, que deve ser conhecimento”. [1]

Em 1869, aos vinte anos, Crosbie era sócio de uma pequena manufatura de calçados, e casou-se. Nesta época, devido à morte de uma pessoa amiga, Crosbie interessou-se por espiritismo, hipnotismo, mesmerismo e telepatia. Não muito tempo depois, ele e seu sócio venderam sua pequena manufatura de calçados em Montreal, Canadá, e estabeleceram uma empresa em Boston, nos Estados Unidos.

Em 1888, Crosbie ingressou no movimento teosófico em Boston.[2] Pouco depois, ele conheceu William Judge. Nos anos seguintes, Crosbie passou a ser um dos colaboradores mais próximos de Judge, coordenando estudos esotéricos em sete estados da região da Nova Inglaterra. Crosbie divorciou-se em torno de 1892.

Em 1894-95, Annie Besant e Henry Olcott provocaram a primeira divisão formal do movimento teosófico, ao fazer acusações contra William Judge. Crosbie, como quase toda a seção norte-americana, apoiou Judge e a teosofia original de H. P .B., que Judge defendia. Quando Judge morreu, em março de 1896, iniciou-se uma fase de transição. Devido a circunstâncias não bem esclarecidas, esta etapa levou ao surgimento de Katherine Tingley como a pessoa que liderava o setor do movimento leal a H. P .B. O movimento teosófico vivia a dura adequação aos novos tempos, posteriores a Helena Blavatsky, e as crises eram constantes.

Em 1900, Crosbie casou-se com sua segunda esposa, Josephine Parsons, na cidade de Manchester. O casal teve dois filhos. Em 1904, ele abandonou a Sociedade Teosófica liderada

por Katherine Tingley, cuja sede ficava em Point Loma. A sra. Tingley havia deixado de lado a proposta original do movimento teosófico.

Em 1907, Crosbie reuniu alguns teosofistas para estudar a teosofia original. A meta do pequeno grupo era estudar livros de Judge e de HPB de acordo com as linhas de ação propostas pelos verdadeiros fundadores do movimento.

Em 18 de fevereiro de 1909, foi fundada a Loja Unida de Teosofistas, que manteria no futuro um caráter “semi-esotérico”. Daí a prioridade dada pela LUT ao caráter pessoal do trabalho. Suas revistas publicam, normalmente, artigos anônimos. Em 1912, Crosbie e seus colaboradores fundaram a revista mensal “Theosophy”, cuja meta era manter em circulação e tornar conhecidos os textos e artigos de H.P. B. e Judge, veiculando ao mesmo tempo novos artigos e trazendo a teosofia para a vida cotidiana. Assim, a L.U.T. fazia um contraponto em relação ao culto à personalidade dos líderes, que tomava conta da Sociedade de Adyar. A LUT surgia pouco a pouco como um espaço em que as personalidades deviam ser esquecidas, para que se pensasse no ensinamento.

Robert Crosbie morreu em 25 de junho de 1919, dez anos depois de fundar a Loja Unida de Teosofistas.

Em 1922, o indiano B. P. Wadia, um jovem líder de expressão internacional da Sociedade de Adyar, abandonou o movimento de Annie Besant e aderiu à LUT, transformando a Loja Unida em um movimento de expressão internacional mais significativa. Em 2010 - cento e um anos depois da sua fundação - a LUT está presente em 15 países.

O Pensamento de Crosbie

Robert Crosbie deu uma visão de longo prazo e um método estável aos setores do movimento teosófico que buscam trilhar o caminho da auto-transformação ensinada por Helena Blavatsky. Erguendo o olhar, olhando longe, ele encontrou motivos para ser otimista:

“Quando adotamos a atitude mental correta - e é nisso que consiste o discipulado - não há uma só qualidade em nós, uma só força, um só atributo, de que não seja feito o melhor uso, e o mais elevado.” [2]

Buscar coisas no mundo externo é uma ilusão. A fonte da felicidade é interior, e isso não deve ser esquecido, conforme Crosbie escreveu:

“Lembremos de que ‘a nossa verdadeira natureza’ não está distante. Ela está bem dentro de nós - dentro dos nossos corações.” [3]

Alguns pensam que o ser humano tem uma vocação para a infelicidade. O fundador da LUT invertia esta equação, colocando-a nos termos da teosofia original, que coincide com a Raja Ioga e a Jnana Ioga:

“Devemos renunciar à ideia de que somos criaturas pobres, fracas e míseras, que não podem fazer nada por si mesmas. Enquanto nos apegarmos a esta visão não poderemos fazer coisa alguma. Devemos adotar aquela outra ideia - de que nós somos Espírito, de que somos imortais. E quando chegarmos a compreender o que isso significa, o poder desta ideia fluirá diretamente em nós e

morte, através do Devachan, ou na vida concreta, através do caminho teosófico e iniciático, e como resultado de um esforço que dura várias encarnações.

Na sua relação dinâmica com a alma mortal, Buddhi é uma tríade:

- 1) Buddhi em si
- 2) Buddhi-Manas
- 3) Buddhi-Kama.

Isso significa que não há só a combinação de Buddhi com o mundo mental, Buddhi-Manas. Existe também a combinação de Buddhi com o mundo emocional pessoal, Buddhi-Kama.

Buddhi-Manas, sem Buddhi-Kama, está sujeito a um “sequestro emocional” (termo criado por Daniel Goleman). Às vezes surge uma desconexão entre as emoções pessoais profundas e as ideias universais que o indivíduo adotou. Então as emoções anti-evolutivas desafiam aberta ou veladamente os ideais universais e transcendentais, e podem usar as ideias generosas para seus fins “inconscientemente” egoístas. Isso configura o sequestro do que é generoso por parte daquilo que é anti-evolutivo. Quando ocorre esta luta, ela deve ser bem compreendida, porque há perigo real de um sequestro permanente.

O que trará progresso real, portanto, não é apenas aumentar as ideias, como se elas tivessem peso próprio decisivo, porque elas são feitas de ar e não de terra. O que trará progresso é sobretudo examinar constantemente os sentimentos pessoais, olhando para eles desde o ponto de vista da alma imortal e das ideias universais. Isso diminuirá o peso que os sentimentos opacos têm na balança. Isso irá restaurar o equilíbrio necessário entre os dois pratos da balança: o prato de Buddhi-Manas, e o prato de Buddhi-Kama.

Buddhi-Kama são, como vimos, as emoções da alma imortal, e entre elas está o sentimento do herói, que enfrenta perigos por uma causa maior, e renuncia voluntariamente à sua vida pessoal para fazer a jornada nobre do auto-sacrifício. Esta decisão voluntária produz a devoção pelo companheiro de caminhada que é mais experiente, e a devoção pelo mestre - ou mestres - como fontes de ensinamento sagrado.

Devoção é o amor do pequeno pelo grande, do terrestre pelo celestial. A percepção intelectual do divino fica gravemente prejudicada sem a sua contrapartida emocional, o amor pelo mundo divino e seus habitantes. Este compromisso maior gera a psicologia do herói em sua jornada épica - o discipulado.

O aprendiz deve examinar, pois, a aspiração espiritual em si mesmo, e verificar se ela equilibra dois elementos.

a) Um deles é a curiosidade intelectual-búdica, que tem grande importância.

b) O outro é a vivência emocional-búdica, que é uma ânsia profunda e calma por contribuir altruisticamente com a Causa. No plano intelectual buscamos algo para nós, a verdade. No emocional buscamos apenas contribuir, ajudar, ou retribuir à vida por aquilo que ganhamos.

Quando a relação na balança é disfuncional, ao invés de existirem emoções búdicas e pensamentos búdicos lado a lado nos dois pratos, temos emoções de raiva, competição, inveja e rancor - ao lado de pensamentos universais e búdicos.

Desta maneira, a substância que um prato da balança está pesando é o oposto da substância que o outro prato da balança contém.

Nesta simetria desfavorável, os dois pólos do processo anulam-se reciprocamente, e o resultado prático é o oposto do amor e da verdade, ainda quando o conjunto todo possa usar as palavras e as aparências da espiritualidade.

Em que condições o fiel da balança é a Sabedoria?

O equilíbrio se dá na Sabedoria quando os dois pratos da balança contêm respectivamente VERDADE IMPESSOAL (Buddhi-Manas) e AMOR ALTRUISTA (Buddhi-Kama), o que garante sua simetria e seu equilíbrio.

Não é por acaso que o sentimento de Amor pela Verdade está na origem da palavra “filo-sofia” (“amor ao saber”) e no lema do movimento teosófico: “Não Há Religião Mais Elevada Que a Verdade”.

Em resumo, a construção do movimento teosófico autêntico em língua portuguesa no século 21 requer um grau significativo de despertar de Buddhi, e Buddhi é, necessariamente, uma combinação de emoções como devoção e renúncia, por um lado, com pensamentos universais, impessoais e lúcidos, de outro lado. Quando emoções sinceras e generosas não acompanham passo a passo as concepções filosóficas, a mudança externa da vida não ocorre. A vida concreta depende das emoções e das motivações. Se as emoções e as motivações não acompanham os pensamentos universais, estes ficam condenados ao exílio, ou são sequestrados por emoções inferiores como orgulho e ambição. Neste caso, aumentar a quantidade de pensamentos universalistas não adiantará coisa alguma.

Mas isso não é tudo: na mesma medida em que as emoções não acompanham os pensamentos universais, elas passam a contrapor-se ativamente a eles. Alimentadas pelas motivações e pelas ações reais no mundo externo, as emoções passam então a ser OPOSTAS aos pensamentos e ao discurso de natureza universal. Elas passam a desafiar-los, a boicotá-los. Levam o indivíduo a odiar, competir e invejar ativamente aqueles que, em seu mundo pessoal, deveriam co-personificar a vivência do universal. Daí a luta interna que alguns estudantes enfrentam em suas próprias almas. Daí, também, as lutas neuróticas e subterrâneas pelo poder e pela “liderança” nos movimentos esotéricos cuja proposta de ensino e aprendizagem não é melhor.

Embora as palavras e os conceitos sejam fundamentais, eles não bastam. É preciso restabelecer o equilíbrio na balança entre buddhi-manas e buddhi-kama mencionado acima: a balança entre as ideias e os sentimentos.

A teosofia é búdica, e o princípio búdico transforma todos os aspectos da vida, ainda que isso às vezes tome mais tempo do que se pode prever. Se algo aparentemente búdico não transforma a vida toda, não é búdico.

A verdadeira luz de buddhi é literalmente como a luz do sol. Atma é sol, e Buddhi é luz. A luz ilumina tudo, e não só pensamentos. A luz búdica transforma tudo, ou não transforma nada. Ela desmancha todas as paredes e proteções, ou não é búdica. Palavras sobre a luz não substituem a luz.

Em última instância, Buddhi não funciona apenas como uma tríade, mas é uma luz setenária, cuja energia se combina com cada um dos outros seis princípios da consciência, além de preservar-se também em seu próprio âmbito búdico.

Apesar disso, é válido dar uma atenção especial a Buddhi como uma tríade, nos termos vistos acima. Buddhi tem um papel central a desempenhar como fonte da luz espiritual que ilumina tanto a mente - Manas, o quinto princípio - como as emoções, Kama, o quarto princípio.

Assim, podemos dizer que, tecnicamente, a luz de Buddhi é ao mesmo tempo uma, tríplice, e setenária.

000000000000

Leia também os capítulos sobre os princípios da consciência que fazem parte do livro “**O Oceano da Teosofia**”, de William Judge. Eles estão publicados na seção temática “O Oceano da Teosofia” em www.filosofiaesoterica.com. E veja o texto “**Os Sete Princípios da Consciência**”, de Carlos Cardoso Aveline, que pode ser encontrado através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#) ou da [Lista de Textos por Autor](#), em www.filosofiasoterica.com.

00000000000000000000

Por Que Toda Dor Dói Duas Vezes

A dor dói duas vezes. Na primeira vez, ela dói para instalar-se na vida da pessoa. Na segunda vez ela dói para ser retirada. Em outras palavras, toda cura tem os seus próprios modos de sofrimento. Por isso alguns se apegam ao processo da dor e fogem da Cura. Preferem o sofrimento velho, que conhecem, ao sofrimento novo desconhecido, e mesmo à felicidade desconhecida, porque nem mesmo ela é totalmente isenta de dor.

Vejamos um exemplo prático de sofrimento que envolve skandhas, ou registros, de vidas passadas. Examinemos um skandha sagrado e positivo, relativo à alma imortal e à sabedoria divina, para verificar se até ele causa sofrimento no caminho da Cura.

Pensemos em algo ótimo, que ocorre com alguma frequência entre teosofistas. Uma pessoa entra em contato com o movimento esotérico autêntico, com a filosofia esotérica, e percebe, conscientemente, e até comenta com outras pessoas, que **este é um Re-Encontro**. Cada pessoa que passa por esta experiência coloca isso com suas próprias palavras. Alguns dizem:

“Encontrei o que estava procurando”.

Outros declaram:

“Nunca ouvi falar disso, mas este ensinamento me é familiar, como se eu trouxesse esta visão das coisas dentro de mim”.

Nestes casos, há “skandhas teosóficos” de vidas anteriores. Porque, como se sabe, a teosofia é algo de muitos milhares de anos - e já existia mesmo entre os habitantes de continentes hoje submersos. E o que vai ocorrer, então, a partir do re-despertar destes skandhas positivos de vidas anteriores?

A pessoa vai revisar aspectos da sua vida. Coisas acomodadas vão se des-acomodar. Coisas antes cômodas vão in-comodar. Aspectos da sua vida vão ruir. Outras coisas terão que ser construídas com muito esforço. Surgirá todo um processo probatório. O crescimento pessoal se dará através de testes e contrastes. Será um sofrimento que cura gradualmente a doença da alma chamada Ignorância.

Ou seja, o Caminho é estreito e íngreme, e cheio de espinhos. No Caminho, sofre o eu inferior, enquanto o eu superior vive no plano da bênção.

O Caminho consiste em levar o foco da consciência desde o nível externo do sofrimento até o nível superior da bênção. Por isso Francisco de Assis, H. P. Blavatsky, Cagliostro e João da Cruz, entre tantos outros, eram felizes (internamente) enquanto seus eus externos e inferiores sofriam grandemente.

Quando se fala de sofrimento como a primeira nobre verdade, fala-se de sofrimento do eu inferior. O eu superior, imortal, não sofre; apenas inspira o processo pelo qual o foco de consciência se eleva, desde o mundo da dor, até o mundo da bem-aventurança.

Mas a dor da ignorância deve doer duas vezes. “O que arde cura, o que aperta segura”, diz um velho ditado popular. Os remédios são frequentemente amargos, e mesmo os skandhas sagrados que eliminam as CAUSAS do sofrimento, mesmo eles, provocam dor - no plano do curto prazo.

A Pedagogia Teosófica

Uma Reflexão Sobre Como Caminhar

O que possibilita o verdadeiro caminho espiritual não é a crença, mas o aprendizado. Estas duas coisas levam, na verdade, a situações muito diferentes.

A crença que não pode ser questionada é algo cômodo, confortável, estático - e sem vida. Conduz apenas à ampliação da ignorância. O aprendizado, em compensação, é dinâmico, estimulante, incômodo, desafiador - e leva à sabedoria.

No verdadeiro aprendiz, o caminhante passa a assumir a responsabilidade pelo que faz. O aprendiz consciente adota um Ideal e trabalha à luz da sua Meta. Ele está disposto a identificar, enfrentar e corrigir os seus próprios erros. Ele sabe que precisa desenvolver virtudes opostas e complementares. Entre elas estão a audácia e a prudência, a coragem e o bom senso, a perseverança e a humildade, a confiança e o discernimento.

A discussão pedagógica - a observação crítica do processo da aprendizagem - é um tema central e prioritário no estudo de uma teosofia autêntica. Em compensação, a marca registrada da pseudo-teosofia e do pseudo-esoterismo é que eles não colocam em discussão nem aceitam questionamentos sobre os seus processos de pesquisa, ensino e aprendizagem. Eles necessitam obter a crença cega por parte dos seus seguidores, e isso se deve a um motivo muito simples: a sua pedagogia e o seu suposto conhecimento não resistem a um exame crítico.

Um dos primeiros erros pedagógicos da espiritualidade desinformada é imaginar que um indivíduo espiritualizado deve “acreditar” nisso ou naquilo. Outra ilusão é pensar que o aprendiz deve transformar-se num robô sorridente e tratar de “ouvir o tempo todo apenas o seu eu superior”.

Helena Blavatsky, a fundadora do movimento esotérico moderno, não adotava a pose externa de alguém que representa o papel de sábio, mas, ao contrário, deixava seus erros humanos à mostra. Ela parecia frequentemente impaciente e excessivamente emocional. Igual despreocupação com sua “imagem” era vivida por Damodar K. Mavalankar e outros discípulos avançados do século 19. Nas Cartas dos Mahatmas, podemos ver que nem sequer os Mestres de Sabedoria se apresentam como seres “perfeitos” ou objetos de adoração pessoal.

O que os discípulos e aspirantes ao discipulado fazem, isto sim, é observar suas motivações na vida, purificá-las, e VIVER PARA BENEFICIAR A HUMANIDADE. Isso os liberta da hipocrisia e da insinceridade, e é mais do que suficiente para começar a aprender. O aprendiz sensato pratica a moderação no eu inferior, vivencia os preceitos éticos, e abre espaço para o ponto de vista da alma imortal em cada aspecto da sua vida.

Quando tem o privilégio de conhecer e adotar uma pedagogia espiritual autêntica, ao invés de tentar fazer o papel teatral de santo - para obter o aplauso alheio -, o indivíduo honesto dedica sua existência a um ideal nobre. Ele sabe que o auto-aperfeiçoamento é algo cujo resultado se dá ao longo de diversas encarnações. Mas também percebe que cada pequeno avanço interno, obtido aqui e agora, conta muito.

Entre a credulidade e o ceticismo, a opção do bom senso e do equilíbrio é o caminho probatório, isto é, o caminho experimental. O aprendiz filosófico correto reúne o sonho mais elevado e a prática mais concreta. Nele, o aprendiz testa e é testado. Tudo deve ser examinado a cada passo. Quando a pedagogia é legítima, o aprendiz cria gradualmente sua própria gramática para compreender o caminho espiritual. Ele aprende a olhar para a vida desde o ponto de vista do seu carma e do seu dharma individuais, isto é, das suas condições objetivas e do seu potencial sagrado.

Assim, para praticar o ensinamento, o aprendiz não deve fazer mecanicamente isso ou aquilo. Ele deve promover a expressão do ensinamento no dia-a-dia da sua vida e perceber pouco a pouco o

